

O QUE É A PSICANÁLISE? SÁNDOR FERENCZI E SUA REPETIÇÃO NO ARQUIVO PSICANALÍTICO
Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, depois de Lacan, de Joel Birman. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014, 160 p.

Luiz Paulo Leitão Martins

Univ. Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Bolsista da Capes.

A recepção do pensamento de Sándor Ferenczi na história do movimento psicanalítico é marcada por uma *descontinuidade* fundamental: ora suas construções no plano metapsicológico da teoria e suas intervenções no plano metodológico da clínica são negadas e excluídas para o arquivo morto, ora essas mesmas construções e intervenções, metapsicológicas e metodológicas, são afirmadas e aceitas no arquivo vivo que constitui o campo de discursividade da psicanálise.

Quando se encontram no arquivo morto, seus enunciados permanecem no lado de *fora*, no lado daquilo que por sua exterioridade aponta para as linhas rígidas e delimitadas do que está *dentro*. A experiência da psicanálise, por essa via, é definida por uma linha plena e contínua; tal qual um mineral cristalizado ou um cadáver mórbido e enrijecido, identifica-se

com o que é imóvel, transformado em pedra, impermeável, descolorido e sem vida. Quando, no entanto, por encontros efetivos e singulares com o que é outro e que, assim sendo, modifica radicalmente o estatuto do mesmo, a psicanálise experimenta, por assim dizer, uma crise de evidências — crise daquilo que é tido por certo e definido numa dada época ou período —, é preciso destituir as linhas rígidas do um e produzir em seu interior uma abertura ao que é múltiplo. Da linha contínua à *borda* porosa, o deslocamento da fronteira que constitui a modalidade da relação da psicanálise com o exterior afirma a produção de um espaço de *intertextualidade* no campo do arquivo. É intertextual um discurso que comporta os diferentes fluxos de escrita e os muitos movimentos de uma intensidade que é viva e dançante.

Ferenczi, sua *loucura* psicótica, sua *terrível infantilidade*, como foi interpretado, podem enfim se aproximar. Entre o mesmo e o outro, a psicanálise descobre a repetição de um texto, de um autor que constitui uma verdadeira inscrição em seu discurso. Ferenczi se torna *arquivo vivo* não por sua submissão ou obediência a uma retórica do rigor, nem por sua adequação a uma doutrina ou a um campo de doutrinação de um discurso institucional, mas sim porque a repetição de um *desejo de saber* e a atualidade inapagável de seu *traço* legitimam o seu eterno retorno. O que produz essa inversão? Quais são as linhas de força que constituem a determinação de um acontecimento e de sua repetição

na história de um arquivo? A presença de problemas.

Pensar a psicanálise, se perguntar e buscar responder à pergunta *o que é a psicanálise?*, e fazer isso não a partir das respostas dadas pelo cânone psicanalítico de uma época, mas sim a partir de problemas, formas de *problematização* de um campo de experiência, foi o que Ferenczi realizou, de modo que sua intervenção aponta efetivamente para a inscrição de uma *diferença* no arquivo. Foi ele quem mais do que qualquer outro, como disse Lacan, se perguntou insistentemente: o que significa *psicanalisar*? E, além disso, em que consiste ocupar o lugar em questão, a *posição de analista* nessa tarefa?

Que uma experiência seja psicanálise, e que essa experiência seja empreendida por um psicanalista, não é uma coisa dada, nem resolvida. A estranha inquietude de um campo que pretende fazer surgir a singularidade de uma história e promover a especificidade de um desejo aponta não para a burocratização de um sistema de formação e transmissão, nem para a padronização de um manual de tratamento e de utilização técnica, mas sim para a abertura de um encontro situado *entre dois*. Se para Ferenczi a psicanálise tinha se transformado numa experiência *pedagógica*, na qual a distinção entre professor e aluno, mestre e discípulo, indicava o exercício *assimétrico* de poder e de autoridade entre analista e analisante, era preciso repensar a modalidade de relação implicada nesse encontro e as condições de possibilidade para que esse encontro seja uma psicanálise. A noção de *análise mútua* é a resultante dessa operação; para existir psicanálise é preciso que o analista seja também analisante e continue sua análise na experiência de analisar. O *desejo do analista* deve estar implicado no tratamento.

A partir dessa formulação, podemos interpretar duas proposições metodológicas de Ferenczi: a *técnica ativa*, e, mais adiante, a *neocatarse*. São formas distintas que, no entanto, remetem a uma mesma e única problemática, qual seja, a participação do analista na experiência de analisar. No primeiro caso, inventa-se que o analista pode agir: *interditar* um gozo autoerótico ou *estimular* fantasias e cenários de uma sexualidade inibida, com a finalidade precisa de alcançar a *materalidade* da pulsão condensada nos sintomas de um corpo libidinal e reconduzir essa economia do inconsciente para o campo da *fala* e da *linguagem*. Tanto numa atividade quanto noutra, utiliza-se de uma palavra ou de um gesto que intervém no aqui e agora da *transferência*, a fim de relançar a análise para além da estagnação destrutiva de uma compulsividade em direção aos mecanismos de livre associação, *rememoração* e *elaboração*. É a continuidade do processo analítico que está em jogo. A atualidade do enunciado de Ferenczi é decorrente de uma preocupação em remeter sua alternativa metodológica aos desenvolvimentos da metapsicologia de Freud — a radicalidade de uma pulsão e a substituição da tópica do inconsciente pela tópica do *isso*, a partir dos anos 1920.

O segundo caso, apesar de responder à mesma formulação da análise mútua, é bastante distinto. Com a ideia de *neocatarse*, Ferenczi retoma de maneira renovada a problemática freudiana do *trauma*, para pensar de que modo uma forma específica de sedução pode ser revivida sob *transferência* e potencialmente resolvida em análise. Com a atualização na clínica da *confusão de línguas* entre o adulto e a criança, o mal-entendido entre a *paixão* e a *ternura* pode ser dissolvido, e isso se o analista e o analisando terminam o processo de análise numa *simetria* de posições. O fim

de uma análise ou a sua finalidade natural descreveria a saída do analisante da posição masoquista de *criança sábia*, aquela que sabe de uma *catástrofe* real a ser encoberta e silenciada, para a posição normal do psiquismo, com a sua igualdade em relação ao analista, no caso dos homens, e a resolução da inveja de ter ou não ter o pênis, no caso das mulheres.

Ora, essa *ficção normativa* Freud não pode aceitar. O fim da análise seria a outra face de sua infinitude, uma mesma moeda remeteria as duas à mesma condição. Tem fim a análise que permite a dissolução da onipotência narcísica, seja da criança ou da mãe, e a entrada do sujeito no registro da castração; não tem fim a análise que, pela mesma via, permite a assunção da feminilidade diante das vicissitudes da vida e dos caminhos e descaminhos do existir. A intervenção da análise e o real dessa experiência se estendem e também terminam por aí.

Esquecer Ferenczi é impossível. Não no sentido de que a sua memória deve ser resgatada como um *modelo*, como um tipo a partir do qual regulamos nossa experiência. Ferenczi não deve ser esquecido, disse Freud, porque a repetição daquilo que nele difere é fundamental para a psicanálise. Deve-se *repetir* não uma segunda ou terceira vez, mas sim indefinidamente e à enésima potência a primeira.

Este texto quer repetir um outro. *Arquivo e memória da experiência psicanalítica*, de Joel Birman, é uma análise da inscrição histórica de acontecimentos em psicanálise. Aborda-se a *intertextualidade* dos enunciados e dos discursos de Ferenczi, Freud e Lacan no arquivo psicanalítico a fim de produzir um pensamento crítico e autoral a respeito do *ser* da psicanálise e de sua *experiência*.

Se perguntarmos ao autor do livro *o que é a psicanálise? o que é a experiência psicanalítica?*, ele não nos responderá o

que ela é, mas reenviará essa questão a algumas outras: *quem? como? onde? quando?* Sua investigação teórica a propósito da problemática da experiência psicanalítica na obra de Ferenczi, desenvolvida entre os anos 1980 e 1990, e o desdobramento dessa investigação com a produção de diferentes artigos e ensaios críticos, escritos no decorrer dos últimos 30 anos, constituem a língua de sua *dramatização*. A escolha dos personagens e fantasmas, as máscaras e os ornamentos utilizados, as narrativas contadas e a tessitura com que amarra os diferentes nós, as formas de entrada e de saída de um mesmo problema revelam sua resposta, sua invenção.

Recebida em 13/2/2015.

Aprovada em 2/3/2015.

Luiz Paulo Leitão Martins
lplmartins@gmail.com

